

BOLETIM UERJ

Academia Carioca de Letras

**DISCURSO DO
SR. ALCIDES CARNEIRO
E RESPOSTA DO
SR. OSCAR TENÓRIO**

Prof. OSCAR TENÓRIO

**DISCURSOS NA
POSSE DO ACADÊMICO
ALCIDES CARNEIRO**

**Separata (VI) do Boletim da UERJ n.º 112 e 114
Agosto e Outubro de 1975**

DISCURSOS NA POSSE DO ACADÊMICO ALCIDES CARNEIRO

Discursos

Discurso proferido na Academia Carioca de Letras pelo Acadêmico paraibano Alcides Carneiro, ao tomar posse da Cadeira n.º 40, patronímica de Moacyr de Almeida, em sucessão ao escritor e poeta Deocleciano Martins de Oliveira. O ato teve lugar no salão de conferências da Associação Brasileira de Imprensa, conforme registramos no Boletim-UERJ n.º 112, páginas 1083/84, e a publicação deste discurso se justifica, entre outros pontos positivos, pela qualidade do texto e brilhantismo do orador.

Senhores acadêmicos,

Não sou, felizmente, marinheiro de primeira viagem. Há 13 anos encontrei-me nesta mesma situação, ao ser recebido pela Academia Paraibana de Letras, saudado por Horácio de Almeida, meu querido confrade lá e cá, o melhor contador da rica história da terra comum, a Paraíba — história feita de heroísmo e sangue, heroísmo de guerreiros, sangue de mártires.

Hoje, saúda-me Oscar Tenório, notável educador, jurista de renome universal, neste instante em que tenho a honra de ocupar a Cadeira cujo patrono é o altíssimo poeta Moacyr de Almeida, e que outro poeta, Deocleciano Martins de Oliveira, foi o último a abrilhantar.

Começo por agradecer aos eminentes confrades a escolha do meu nome para membro da Academia Carioca de Letras, colmeia admirável, que nunca mudará de nome, porque já representa uma tradição inextinguível.

Enquanto não removerem as montanhas, não transplantarem as florestas, não aterraram nossa formosa Baía da Guanabara; enquanto não se

alterar, para lembrar imagem de Rui Barbosa — “o anil do céu, o cetim azul do mar, a transparência verde-crê da beira da enseada” — este agosto cenáculo se chamará Academia Carioca de Letras.

Para a perpetuidade, só um nome perpétuo. Nossa Academia será sempre carioca, porque é daqui, porque plantada aqui, nesta cidade-símbolo, nesta cidade-corção, que acolhe como filhos todos os brasileiros, e, se lhes dá muito amor, em vida, ainda lhes concede, antes da morte, a imortalidade.

Ela oferece hoje um exemplo magnífico desta fraterna brasilidade que encerra todo o segredo da irresistível sedução da terra carioca. Como sucessor de um baiano, entra um paraibano, e é saudado por um alagoano. Digo com vaidade que sou o 5.º paraibano a entrar para esta Casa acolhedora, onde encontro Horácio de Almeida e João Lyra Filho, e onde sempre ouvirei a ressonância dos passos e da voz de Raul Machado e Alcides Bezerra.

Exaltado seja, por todos os brasileiros, este delicioso recanto do mundo, esta cidade maravilhosa, que o Grande Abençoador, só para abençoá-la, ergueu um trono especial no topo do Corcovado!

Senhores acadêmicos.

Comecei dizendo que, felizmente, não sou marinheiro de primeira viagem. E isto tem uma explicação. O discurso de posse é a suprema angústia dos laureados. É como se daquele discurso dependesse uma reputação já consagrada. Como se aquele discurso representasse um vestibular para a imortalidade já conquistada.

A cruciante ansiedade que me atacou da primeira vez, agora me encontrou com a couraça da experiência. E experiência, só a aproveitamos integralmente se adquirida à própria custa. À custa dos outros, aproveitamos a metade. Por isso mesmo, estou menos intimidado, menos tenso, não obstante a evidente expectativa deste cultíssimo e exigente auditório.

Meu ralentado coração não se arreceia das emoções desta hora, que passará como todos as horas, ou voará como voam as palavras dos oradores, enquanto permanecem as dos escritores, porque não são ditas: são escritas.

Há poucos dias, tive a honra e a satisfação de receber na Academia

Paraibana de Letras um autêntico intelectual. Um mestre das letras jurídicas. Ao confiar-me, para uma leitura prévia, a oração que pronunciaria, senti sua insegurança e seu embaraço. Tranquilizei-o, dizendo-lhe: Está perfeito. Asseguro-lhe que será bem ouvido e agrada-á. Mas, depois, — também garanto — só terá, no futuro, um leitor certo: seu sucessor, quando tiver de escrever o dele. Ao mesmo passo, consolei-o afirmando-lhe que era o seu passado de estudo, pesquisa e esforço produtivo, que estava sendo reconhecido e recompensado. O futuro não estava em causa. E assim é realmente. As Academias não acolhem esperanças: consagram realidades. E quando às vezes cometem enganos, é que foram enganadas, como ocorre hoje. E eu vejo o engano, consinto e finjo ignorá-lo, só por vaidade — um mal que é de muitos, para consolo meu.

Estranho capricho do destino: no campo político, perdi duas eleições que merecia ganhar. No campo literário, venci duas, que merecia perder. Quatro vezes os eleitores se enganaram quanto a mim. Agradeço as vitórias e não lamento as derrotas, convencido de que Deus escreve certo por linhas tortas, embora eu preferisse que, ao escrever a meu respeito, Ele o fizesse por linhas certas.

Aliás, são muito fracas as minhas razões de queixa. A vida concedeu-me mais do que eu esperava e castigou-me menos do que eu merecia. Não tive infância, mas tive mocidade. Aqui cheguei, vindo da Paraíba — a terra que se fez tão pequenina para não parecer tão grande e se fez tão grande para se consolar de ser tão pequenina. Vindo de Princesa, minha doce e legendária vila natal, graciosa e branca nesga de luar engastada no flanco da cordilheira; recanto que Deus escolheria para descansar e para não se arrepender de ter feito o mundo; diminuto reino, manso e respeitado, onde os fracos, se não nascem mortos, não se criam.

Cheguei a esta cidade aos 22 anos, cheguei com o direito de dizer como Castro Alves:

“Eu vim cantando a mocidade e o sonho.
Eu vim sonhando a felicidade e a glória.”

Evidentemente, já não posso cantar a mocidade, mas — sonhador incorrigível — insisto em sonhar, como aquele vencedor, dos versos de Cruz e Souza, que

“Florestas e mares foi rasgando.
E entre raios, pedradas e metralhas,
Ficou gemendo mas ficou sonhando!”

Mas, chega de falar de mim mesmo, que isto não me compete, não obstante ser o único assunto que conheço, como diria Montaigne. A tarefa compulsória de falar de mim foi confiada ao eminente confrade Oscar Tenório — Presidente e luzeiro desta Casa, o que muito me

agrada, desvanece e tranqüiliza, por ser um velho amigo tão bom como os vinhos velhos.

Para desconto do seu último e mortal pecado — o de ter misturado amizade com merecimento — terá que procurar algumas poucas agulhas reluzentes, no vasto palheiro da minha vida, uma vida que a timidez, o pessimismo e a excessiva sentimentalidade se encarregaram de obscurecer.

Para facilitar-lhe a missão impossível, ofereci-lhe um Auto-Retrato no qual fui o mais sincero e humilde que meu amor-próprio permitiu.

Se humildade e sinceridade contam ponto para se entrar numa Academia de Letras, tenho média suficiente para lhe abrir as portas. Todavia, **non est sic itur ad astra . . .**

Senhores acadêmicos.

Parece estar no meu destino exaltar poetas, como se Deus quisesse castigar-me pela inveja que eu tenho deles, eu que poderia ser um deles, se tivesse sabido aproveitar as inclinações que eram boas, tão bem como soube aproveitar as que não o eram. Só soube salvar em mim o trovador. De passagem, confesso que a trova me foi tão necessária à vida, como o sangradouro ao açude. Ela vinha espontaneamente e espontaneamente era recolhida com o encantamento e a alegria de menino pobre com o brinquedo que achou na rua. Ademar Tavares e Raul Machado foram meus animadores. Aos seus excelsos espíritos os louvores e as preces de minha alma agradecida.

Na Academia Paraibana de Letras, minha cadeira tem como patrono Pereira da Silva, o terno, admirável bardo de "Solitude", "Holocausto" e "Senhora da Melancolia", de quem fiz o mais comovido elogio, no meu discurso de posse.

Hoje, encontro-me ladeado por dois poetas autênticos: Moacyr de Almeida e Deocleciano Martins de Oliveira, um, patrono da cadeira, outro, meu antecessor.

Moacyr de Almeida viveu apenas 23 anos, o bastante para que ele completasse a sua obra perfeita e duradoura. Morreu "minado pela física precoce", como na poesia de Augusto. Morreu da forma que morriam todos os poetas, inclusive os ricos que, por sinal, eram bem poucos . . . Agripino Grieco admirava-se de que "num tórax dominado pela tuberculose, num peito vencido pela fraqueza, houvesse tanta força."

Pádua de Almeida, irmão do poeta e também poeta, escreveu: "os trabalhos poéticos de Moacyr de Almeida são grandes esboços geniais. Ele viveu no século XX e não ultrapassou os vinte e três anos. Viver no século XX é ser aniquilado pela Máquina. "Gritos Bárbaros", o único

livro do Poeta, publicado postumamente, está comprimido entre estas duas fatalidades contemporâneas: a interferência da Máquina e a pressão do Tempo. Suas poesias queimam. Quem as lê sente o contacto abrasador de seu hálito. Há calor e sangue em suas idéias, e calor e sangue, em uma palavra, significam febre."

Ouçam o soneto "Prece":

PRECE

Deus dos que sofrem! Deus dos que, sentindo
O travo amargo das angústias, vão
Enchendo o mundo de um clamor infindo,
Rebentando num grito o coração.

Deus dos fortes, que vivem repetindo
A tragédia do Cáucaso, e os que são
— Cristos crucificados sobre o Pindo —
Aureolados de sangue e de ilusão.

Deus! Se, no horror deste sofrer medonho,
Hei de vencer, por fim, na ânsia divina,
Bendigo a dor, bendigo o meu sofrer,

Bendigo o sonho que me arrasta ao sonho,
Tendo todos os astros na retina
E todos os abismos no meu ser!

Também o meu antecessor Martins de Oliveira, a quem tenho a honra de substituir nesta Academia, escreveu admiravelmente sobre Moacyr de Almeida, em termos que vou repetir: "Moacyr vitalizou a poesia de seu tempo. O parnasianismo entrava em absoluta decadência. Olavo Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho, eram os oragos da escola. Escola de requintes, incompreensível dentro do País, se já tivéssemos, naquele tempo, independência mental.

Só se concebia a perfeição dentro de quatorze versos ressoantes, com idéias curtas, rimas ricas, cesuras fixas, chave de ouro. O soneto era a realização máxima, pela qual se torturavam todos os poetas.

Nossa vida literária atravessava, então, um período cascalhoso, sem seiva e humus, e as reações individuais perdiam-se no tumulto da mediocridade ambiente. Hermes Fontes, Gilka Machado, Tasso da Silveira, Murilo Araújo, entre as mais significativas vozes renovadoras, rompiam, apenas, o tabu da escola neoparnasiana e movimentavam os ritmos pela polimetria. A grande massa continuava triturando o fim de cultura da pré-guerra. Moacyr de Almeida surgiu, também, dentro do soneto, por fatalidade do tempo, mas, afinando, progressivamente, o seu

instrumental poético, encheu-o de vozes diferentes, para executar, logo mais, soberbas partituras." Não obstante o desdém pelo soneto, que o meu antecessor manifesta tão veementemente, vou ler-vos o soneto "Domadora do Oceano", um dos que mais contribuíram para o renome poético de Moacyr de Almeida:

DOMADORA DO OCEANO

Eis a teus pés o oceano . . . É teu o oceano!
Deusa do mar, teu vulto aclara os mares,
Esguio como um cíatelo romano,
Nervoso como a chama dos altares . . .

A alma das vagas, no ímpeto vesano,
Ajoelha ante os teus olhos estelares . . .
Eis a teus pés o oceano . . . É teu o oceano!
Cobre-o do verde sol dos teus olhares!

Sou o oceano . . . És a aurora! Eis-me de joelhos,
Ainda ferido nos tufões adversos,
Lacerado em relâmpagos vermelhos!

Sou teu, divina! E, em meus gritos medonhos,
Lanço a teus pés a espuma de meus versos
E as pérolas de fogo de meus sonhos!

Para terminar o elogio ao grande Poeta Moacyr de Almeida, não resisto ao desejo de recitar mais um dos seus belíssimos sonetos:

TORRE DO SILÊNCIO

Minh'alma é a torre do Silêncio, imensa e escura,
Onde a noite do Mal abre a asa negra e forte;
Enche-a a bárbara voz dos gênios da tortura,
Enoitece-a o rumor de asas negras da morte.

Quando o meu coração, no vaivém da amargura,
Sob a mão do Não-Ser a erma pressão suporte,
Dentro de cada tumba um anjo de loucura
Há de surgir, no horror do trágico transporte.

E, abafando, na voz fatídica e terrível,
Todo o largo clamor das sepulturas, há de
Inundar de amargura os céus do Inatingível,

Na maldita explosão dos meus íntimos dramas,
No olhar estrangulando um clarão de saudade,
Nas mãos despedaçando um coração de chamas . . .

Já a obra do meu antecessor Martins de Oliveira é extensa e vária, em prosa e verso. Em sua fecunda vida literária escreveu dois livros de contos: "No país das carnaúbas" e "Marujada", e um romance "Os romeiros", os quais tiveram a honra de ser laureados pela Academia Brasileira de Letras. Escreveu também peças teatrais, ensaios, memórias, e outras obras, em constante atividade intelectual, e principalmente livros de Poesias, como "Olhos d'água", "Descoberta do reino", "Bênção da Terra Natal", "O peixe do deserto". Deliberadamente, não faço a análise da obra do meu antecessor, embora a considere admirável. É que o sucessor tem a obrigação de louvar o antecessor, o que, de certa forma, desvaloriza sua opinião, tornando-a até suspeita. Prefiro transmitir-vos o conceito daqueles que exaltaram essa obra, com muita autoridade para fazê-lo e sem a obrigação de fazê-lo.

Nosso brilhante confrade Othon Costa, por exemplo, assim se refere a Deocleciano, como romancista: "O curioso evocador das tragédias e maravilhas do São Francisco já nos havia dado, com o seu magnífico livro "No país das Carnaúbas", um quadro admirável e dolorosamente humano daquela torturada região brasileira, em que passou a infância a impregnar a sua alma sensível da angústia das emoções que o impressionaram para sempre. O seu regionalismo, em que há um sentido profundamente humano, que nos lembra a literatura russa, não é simples produto de uma imaginação fértil, como é tão freqüente em nossa literatura, apesar das inúmeras lendas regionais com que o brilhante romancista procura enriquecer as páginas de seus livros. Deocleciano Martins de Oliveira traz nos seus olhos a imagem inalterável de sua terra. Os terríveis flagelos e desgraças que descreve, somente se disfarçam, como ele mesmo diz, "com os próprios enfeites" da exuberante natureza Sanfranciscana."

Sobre ele escreveu o ilustre Miranda Neto, fazendo-lhe um perfeito retrato: "Não é homem de arabescos e guirlandas. É sempre a mão forte do sertanejo do São Francisco, que empolga a matéria, barro ou gesso, pedra ou metal. Esse lutador que no seu aspecto de calma é sempre arrebatado, que na sua serenidade é um dínamo, tempera o gesto avassalador com a inspiração ideal."

Leiamos, do seu livro "Berço da Terra Natal", dois poemas bem significativos do espírito do seu autor:

CABOCLO D'ÁGUA

Reconheço meu povo em ti,
Ó deus poliédrico, puro, ó deus fluvial!
Reconheço-me em ti, ó deus múltiplo,

complexo, justo, integrativo, ó deus mestiço!
deus do avô índio
da corte de Monan — “caboclo água”!
Ogun do negro irmão — “negro água”!
deus zoo, evoluído do irmão bicho — “bicho água”!
deus introspectivo do irmão branco,
filho do oceano e Netuno — “homem água”!
deus das águas mitológicas da América — “Ipupiara”!
deus do meu rio indígena — “Upiara”!
esposo da mãe água — “Iara”!
filho da massa continental — “América”!
sincretismo do melting pot — “Cristo crioulo”!

Aqui te trago a minha oferenda
de fumo em rolo
— a planta que incensa o céu
e de cachaça
— a água que acende a mente e o sentimento —
símbolos da devoção,
do sacrifício
para a comunhão
dos espíritos!

Minha prece de devoto
é pela união,
pela compreensão
e pelo amor
dos povos continentais!
Funde-nos em ti,
numa só alma,
num só desejo,
num só interesse,
num só ideal,
sob teu olho único
e ciclópico!

Ó deus total
do São Francisco!
Ó deus mulato da Bahia!
Ó deus mestiço do Brasil!
Ó deus crioulo da América!
Ó deus de nossa Nação — o Novo Mundo!

CANTO PARA A PROVÍNCIA NATAL

A Afonso Costa

Barra do Rio Grande de São Francisco das Chagas,
Como não hei de sonhar um poema para você?
Terra onde desabrochei dos corpos de meus pais;
e que, por graça de seus amores,
receberam de Deus, em seu seio, o mistério de minha presença.

Ó ruas provincianas de minha adolescência!
Meus papagaios ainda estão presos nos teus fios telegráficos?
Teus lampiões de querosene iluminarão as noites de minha velhice
Meus alcapões armados esperam pássaros, escondidos nas laranjeiras.
Eu trouxe tuas casas e teus muros velhos cobertos de são-caetano.
Vejo daqui, nos quintais e cercados, os coqueiros olhando
o rio por onde parti, carregado de tuas paisagens.

Sino que anunciaste minha primeira comunhão,
não emudeças quando eu voltar coberto de pecados!
Torre de minhas visões de detrás das montanhas,
porque não me encarceraste na alegria de teus repiques?

Ai! lagoa da Várzea verde, se visses, agora, o cansaço de meu rosto!
Alto, Manga, Matatu, o rastro de meu carneiro não se apagará de tuas
areias!

Tamarindeiros, que ficastes plantados nos meus olhos,
os vossos frutos ácidos trazem-me o sabor da infância.

Não me esqueci de vós, humildade de meu povo,
festas de minha gente, tristezas de minha raça,
janelas de amor das jovens namoradas!

Que seria de mim, sem tua pureza, minha terra natal?
Sem memória de minhas virgindades, amaciadas nas tuas auroras?
a lembrança de teus reflexos nos rios crepusculares,
recortados de barcos e canoas de pescadores e vasanteiros?

Ó rio Grande, quando um novo mergulho em tuas águas azuis?
Ilhota, minha cesta de araticuns, taba das crianças nudistas!

Rio de São Francisco, teu curso moreno cava meu coração!
Tuas coroas de areia embranquecem minhas solidões,
tuas enchentes me chegam como a uma terra seca do sertão;
as plantas de tuas margens trazem uma sombra para minha saudade
e aves aquáticas estão voando em nuvens sobre minha cabeça.

Ó Barra do Rio Grande de São Francisco das Chagas!
longe de seu luar, eu não posso fazer um poema para você.

A respeito do livro de poesias "Olhos d'água" diz um dos nossos poetas
mais conscientes, o austero e nobre Tasso da Silveira: "O que descubro

principalmente em "Olhos d'água" é muito canto. Canto ressoante, genuíno, descobridor, como o de todos os verdadeiros poetas. Canto que vem do mistério do Ser. Há beleza pura, poesia pura, inspiração autêntica, realizando-se, não em ritmos fáceis, ou vulgares imagens, mas em ritmos e imagens de renovado frescor, em cada poema de "Olhos d'água".

Ouçamos, dessa obra, a poesia intitulada "Milagre":

MILAGRE

A Augusto Frederico Schmidt

A noite chumbava os meus olhos como os dos cegos de Jericó,
e vi o milagre da sombra, da luz, e da cor, e das formas, nas estações e
no céu.

Era tudo o silêncio, e ouço cordas vibrando no ar, cobertos de aves,
e anjos cantando nas nuvens, e o coro de homens nos subterrâneos da
dor.

Eu era mudo e da minha boca já brotou a palavra de amor e de fé,
e o canto da ressurreição rola em ondas de minha voz.

Bebi a água transformada em vinhos nos banquetes nupciais.
Comunguei o pão multiplicado para a turba faminta.
Comi o peixe dos fins de jejuns e das preces do deserto.

Lázarus ressuscitaram das tumbas noturnas da blasfêmia.
Coxos, paráliticos, doentes e possessos curaram-se por encanto.
Homens andaram sobre as águas, voaram no céu e transpuseram
montanhas nos ombros.

Oh! os segredos milagres intermináveis da vida e da morte!

Ah! inefáveis milagres dos animais pastando nos campos verdes!

Tudo haveria de ser mesmo assim, geme o anjo ferido da queda:
Não podia faltar o beijo, a chuva, a poesia
e o silêncio da noite abençoando o sono profundo das cidades e das
montanhas

Façamos alto. Até o agradável cansa. Deocleciano Martins de Oliveira, o poeta, o romancista, o escritor, foi também escultor. Tinha razão Miranda Neto no seu consagrado conceito.

A escultura empolgou o talentoso baiano (deixai passar o pleonasma). Em diversas cidades da Bahia, há magníficos trabalhos seus: Bom Jesus da Lapa, Juazeiro. No Convento de Santo Antônio, um primoroso

“São Francisco de Assis pregando às aves”. E na sua terra natal, Cidade da Barra do Rio Grande de São Francisco das Chagas, reina, esculpida por ele, uma “Nossa Senhora nas bodas de Caná”, que faz o encanto da mocidade naquele cantinho remoto, nas noites de luar.

Seus últimos e mais vistos e mais admirados trabalhos encontram-se aqui neste Rio de Janeiro que ele tanto amou, e que lhe deu relevo e fama.

Quem passa pelo novo Palácio da Justiça, encontrará majestosas figuras representando a Justiça, a Lei, o Direito, a Equidade. Esta a única representada por uma figura de mulher. Até a justiça é representada pelo Cristo Togado. E há um São Tomé, representando a dúvida, e Rui, simbolizando o advogado. No interior do Palácio, 43 painéis, em baixo-relevo, representam quarenta e três parábolas bíblicas.

Na fase final, Deocleciano dedicou-se também à música, como compositor. Certa tarde, encontramos-nos nas imediações da Rua D. Manoel. Compus, hoje, uma valsa — disse-me ele — e dei-lhe o nome de “Tarde de verão”. Que tal? Respondi-lhe: neste mundo haverá certamente cerca de duas mil com esse nome. Mude-o e divulgue-a. Valsas e noivas são sempre bonitas. Não sei o destino da composição, mas gostaria de saber.

Músico, poeta, pintor, escultor. Personificava, sozinho, uma mesa de boêmia triste, a lembrar o poema de Olegário Mariano.

Mas, ninguém se enganasse com aquela mansidão e aquela suavidade. Era um arrebatado, no revide a qualquer forma de agressão, o que lhe custou, certa época, um processo, o qual terminou bem, não obstante cair nas mãos do severo Promotor Cordeiro Guerra, atual Ministro do Supremo Tribunal Federal.

É que um neto dos barqueiros do São Francisco, daqueles que ostentam no peito o calo do remo, se leva mágoa para casa, desaforo não leva.

Agora, o cultor do Direito, o magistrado, o julgador, o místico devoto de Nossa Senhora da Equidade, aquela que ele transformou em estátua, saída do cérebro, dos pulsos, dos nervos e da alma, com toda a força da sua inspiração.

Dizem os seus íntimos que ele se preocupava muito com a equanimidade nos seus votos.

Saudável preocupação. A equidade não desvirtua a justiça, exalta-a. A justiça pode pecar pela falta ou pelo excesso. A equidade é o equilíbrio na sua perene serenidade. E o próprio coração humano a filtrar normas através do labirinto da humana consciência.

Antes ser madrinha de culpados, que madrasta de inocentes.

No seu altar oficiava permanentemente o juiz Deocleciano Martins de Oliveira.

No dia 21 de março de 1974 morreu, ou encantou-se, como pensava Guimarães Rosa, sendo membro do Tribunal de Justiça do então Estado da Guanabara — viveiro de luminares da ciência jurídica, de magistrados da mais alta dignidade. Desapareceu o exaltador infatigável das maravilhas nativas. O cantor enternecido do imortal São Francisco. Partiu de repente, cedo ainda, para satisfazer sua ânsia de infinito, como se tivesse pressa de sair da claridade das auroras, para a luz dos astros imortais. O romântico, o místico, o bom, o justo, o equânime, o grande amoroso da beleza da terra e da beleza da vida, foi-se subitamente, para livrar-se do suplício da saudade, que ajuda a matar aos poucos os que vivem muito.

Morreu tendo alcançado aquilo que todos nós almejamos neste mundo:

“um pedaço de paz para a velhice
e um pedaço de glória nessa paz.”

Discursos

Discurso proferido pelo Reitor Oscar Tenório, como Presidente da Academia Carioca de Letras, na sessão solene de posse do Acadêmico Alcides Carneiro:

"Se não fosse, senhores acadêmicos, a irremovível exigência regimental de saudação, de natureza biográfica, nesta solenidade de posse acadêmica, ouviríeis apenas um discurso, o do novel acadêmico. Poderíamos repetir o que ocorreu noutra solenidade, na qual, após a oração do orador ímpar, ergueu-se San Tiago Dantas e sugeriu, o que foi aprovado, o cancelamento da lista de outros oradores inscritos, porque nenhum deles daria à expressão verbal a grandeza a que a elevara, no ato, a do paraibano Alcides Carneiro. A luz de

vossa eloquência, senhor acadêmico, tem iluminado a grande constelação da vida brasileira nas academias, na praça pública, no parlamento e no pretório julgador. Se é quase impossível destacarmos, na extensão do firmamento, na via láctea, uma determinada estrela na poeira infinita que nos deslumbra e nos inquieta, possível é, todavia, destacarmos na vossa personalidade cerebral e afetiva a luz singular da eloquência.

“Nasci e criei-me numa nesga de terra no extremo sul da Paraíba (são vossas palavras), linda com Pernambuco, encravada na pequena região conhecida como Pajeú das Flores, onde se defrontam, altivas, a Serra da Borborema e a Serra da Baixa-Verde, e onde corre, tranquilo e sisudo, o Rio Pajeú” Se o crítico psicológico se desse ao trabalho da análise literária do pequeno trecho encontraria nele elementos explicativos da coerência e dos contrastes que explicam a vossa personalidade. O defrontar das serras com a tranquilidade sisuda do pequeno rio. Cenário do trabuco, da peixeira, do bacamarte boca de sino. A altivez da Serra da Borborema, refúgio do Salvador do mundo, conforme os versos de Augusto dos Anjos: “Não! Jesus não morreu! Vive na Serra da Borborema, no ar da minha terra”. Vem do fundo da história brasileira, no começo das brigas entre lusitanos e índios, a convulsão social da vossa Paraíba, que, no dizer do nosso confrade Horácio de Almeida, lutou para vencer, tendo sido duras e prolongadas as pelejas pela conquista do solo, até que, afinal, se celebrou a paz tão desejada com os portugueses da Serra de Copaoba.

Nascestes em 11 de junho de 1906. Vosso pai era homem pacato e paciente, ao revés da vossa mãe, de gênio forte, símbolo do original matriarcado que se fortaleceu numa terra de patriarcalismo, a prender no cós da saia as chaves da dispensa controlada. Guardais o nome da vossa parteira Bonifácia, dos milagres de partos naturais, desconhecadora da técnica das cesarianas que a obstetrícia apressada usa e abusa. Da Bonifácia a incensar os cantos da casa, para defendê-la dos maus e pestilentos espíritos. Três meses de nascido, fostes dado como morto, com a encomenda à funerária do caixão, que lá era feito de emergência, para alegria do vendedor de escassa clientela numa cidade de pouco mais de 3.000 habitantes. O pagão voltou a respirar e suspenderam a encomenda. Sessenta e cinco anos mais tarde, vosso generoso coração, cortado e ensanguentado, ameaçava parar, e veio o segundo milagre da ressurreição. Os repentistas do Nordeste, os Homeros da poesia de cordel, encontrariam, nessas ressurreições, motivos de cantares e escreveres. Ouvíramos, numa retrospectiva, a quadra violeira, do verso estropiado e de rima pobre, a ressoar nas serras e nos vales. E o poeta bissexto diria:

“Seu Alcides Carneiro é bonzim.
É sujeito bom demais.
Marcado pela ressurreição.
Cabras assim são imortais”.

Provavelmente milagre do vosso Padrinho Padre Cisso, o sacerdote taumaturgo Antonio Cícero Romão, lá das bandas do Juazeiro.

Duas qualidades vos têm dado alegria, conforme notas autobiográficas inéditas — o amor enternecido à vossa terra e a dedicação aos amigos. O vosso rincão não é apenas a nesga de terra que se avista da Borborema. É, no afeto, um mundo de terra nas lonjuras do Nordeste. Amais também, pelas afinidades do sofrimento ecológico, o Ceará e seu povo. Viajastes, ainda de calças curtas, para a terra de Alencar, aos 11 anos de idade, porque em Princesa havia apenas a escola primária do professor Adriano Peixoto Feitosa, onde a temida palmatória era a grande educadora, e os endiabrados meninos não tinham complexos. Na viagem emigratória conhecestes o deslumbramento do mar, a velocidade do automóvel e a água encanada. Impressão de qualquer homem do interior que se acerca do litoral.

João Ventura, o personagem central do grande romance de Aníbal Machado, onde há muito do nordestino nas observações do mineiro que viaja para a Canaã dos prazeres, arregalou os olhos ante a impressão do deslumbramento urbano. É a narração do filho de Sabará: “Damião disse que passando aquele morro e virando a serra não há mais nada. Bobagem. Eu sei que pra lá, donde vêm os trens, tem um mundão enorme que nem é bom falar. Depois é que vem o mar que está cheio de navios e é o resto do Dilúvio. Depois então é que vem a Europa onde vovó morreu. A Europa é horrível”. E na correspondência de João Ventura: “Mamãe eu já cheguei isso aqui é uma beleza mas há muita desordem. O povo aqui é muito afobado não se sabe bem o que eles querem, passam diversos bondes e automóveis vendem muitos jornais”.

E nem outra foi a revelação desnorteante de confrade vosso na viagem num trem afogolhento da Great-Western, companhia de ingleses ricos, que tartarugava nos trilhos de bitola estreita até Maceió, vindo de Viçosa. As árvores rodopiavam numa dança vertiginosa. Teve medo de que a água do Atlântico transbordasse, e afogasse o candidato à recruta do glorioso e malsinado exército do Pará. Exagero d’água. Pra que tanta gente, e na parada em Salvador de um pobre Ita da Costeira, perguntava-se: pra que tanta gente vadia pela rua Chile? Esta gente não trabalha? Que formigueiro de bichinhos bípedes tontos e alvoroçados!

E foi assim, nos contrastes físicos e humanos, que tivestes as mesmas impressões, impressões continuadas já no cume da vossa grande reputação verbal. Ao viajar pela outra banda terrestre, para o outro hemisfério, fostes ver as Pirâmides dos Faraós. Vossas notas de viagem não registram qualquer indagação sobre o número de escravos que as construíram, nem sobre qualquer indefectível mensagem do grande Corso aos seus fanáticos soldados invasores. De tudo que vistes nas lonjuras de Pajeú das Flores anotou esta apenas: “Viajando pelo mundo, encontrei, nas Pirâmides, um cearense alugando camelos”. Um cabeça chata, perante o qual, na vossa vaidade sertaneja, curvavam-se todas as grandes civilizações do Mediterrâneo, berço de egípcios, gregos, romanos, berço de quase tudo de que o patrimônio da humanidade se tem enriquecido. E lá se encontrava o sertanejo conquistador e imperialista!

Lamentastes-vos, acadêmico Alcides Carneiro, de não se ter instalado, em 1965, a Assembléia das Nações Unidas, à qual deveríeis ter comparecido como delegado do Brasil. Mas, teríeis um desencanto. Perante delegações de mais de uma centena de Estados, de brancos, negros, amarelos e mestiços de todas as misturas raciais, ouviríeis eloqüentes discursos sobre o pacifismo, a guerra fria, a rivalidade entre os Estados Unidos e a Rússia, os Direitos do Homem (sobre estes já havíeis proferido discurso comemorativo da Declaração, na Câmara Federal), sobre a guerra nuclear. . . E pensaríeis, decerto — que plenário pífio e hipócrita, em confrontação com o da Câmara Municipal de Princesa, onde os vereadores desbocam verdades, eleitos pelos bravos que, na vossa linguagem, vivem "de foice em cima da cana e a morte de foice em cima deles".

Voltando às segundas raízes, pondo os pés em Fortaleza, tendo sido consignado a dois tios (a taba do vosso pai contava 19 irmãos), estudastes nas carteiras do curso secundário e parte nas do superior, tendo recebido em ambos os cursos as influências egrégias do egrégio Menezes Pimentel. A Congregação da Faculdade de Direito era de luzeiros, destacando-se o antigo parlamentar do Império Thomaz Pompeu de Souza Brasil, sabedor de mil sabenças. Transferistes-vos, no 3º ano, para a Faculdade de Direito do Recife, em 1924, o que não foi difícil porque o ensino superior era realmente federal, sem as dificuldades de opções e adaptações de matérias, que hoje ocorrem, e o catedrático (nome hoje pecaminoso porque as leis o substituíram pelo de titular) era efetivamente mestre, explicador do programa e guia mental. Em 1924, quando as trombetas despertavam as colônias africanas e asiáticas para a emancipação, não vos fascinaram as querelas políticas, mas o amor da literatura. Na vossa turma, no ano do grau com anel de rubi em 1926, tivestes como colegas Luiz Delgado, Graciliano Ramos e Natael Marinho. Não vos envolverdes na mosquetaria científica de Tobias Barreto, embora alguns teimosos persistissem em pipocar tiros pensando que vos assustavam. Influíram na vossa formação literária os escritores portugueses, lidos na época, notadamente Camilo Castelo Branco, o mais admirável, no vosso entender, pela pureza de estilo, pela verve, pela extraordinária capacidade criativa. Houve, no Brasil, em dilatada época, fanatismo pelo atormentado escritor luso, por força da riqueza de vocábulos, da produção que corria como um caudaloso rio, pela tragédias de seus amores e do seu fim. Mas, vai aqui uma retificação parcial ao entender das influências que recebestes do grande romancista. Usais o vocábulo necessário e simples nas vossas orações. Nossos ouvidos não são alertados para as dificuldades de palavras incomuns. A simplicidade é a grande força de vossa eloqüência aberta à compreensão de todos, a não ser os termos regionais que se inserem naturalmente no contexto de vossas descrições do Nordeste. Nem mesmo o sarcasmo, por vezes cruel, de Camilo, no auge de suas grandes polémicas, domina a vossa prosa. Passagens do lusitano despontam aqui e ali assim como o mandacaru espinhento solto nas caatingas. Algumas descrições que a constante irreverência do trocadilho enriquece a língua vivaz, colorida mais pela pintura dos cenários, dos homens e dos episódios do que pelas palavras dicionarizáveis. Aí é Camilo. Constante é a verve, a irreverência suavizada por uma ironia à Voltaire,

com quem vos identificais no amor pela liberdade que vos levou ao grave dissídio político com vosso padrinho José Pereira, o Zé Carnaval da irreverência do adversário, para filiar-vos à Aliança Liberal. Usais o dicionário para os termos da botânica regional: macambira, macaxeira, gerimum, em lugar do aipim e da abóbora.

Influiu, decerto, na vossa personalidade, a angústia, presente no escritor de "Amor de Perdição". Confessastes a influência de Antonio Nobre e Augusto dos Anjos, poetas de livros cujos títulos exprimem uma filosofia: **Só e Eu**. Não possuís o egotismo doentio do poeta português, mas tendes com ele uma correlação de ternura para o humorismo, como ensinam os críticos de história da literatura portuguesa em relação ao autor de **Só**. E entre ironia e o desencanto vivem as vossas confissões. Aqui um juízo: "Estudei menos do que devia ter estudado e li menos do que devia ter lido. Consolo-me de não ser um erudito, com a sentença de que o homem nasce culto, proferida por Gilberto Amado". Outro desencanto: "Os que me estimam fingem ignorar minha ignorância. Os que me apreciam, divulgam-me, fingindo lamentar. Alguns me consideram preguiçoso, outros, boêmio". E um pouco de tristeza inquieta de Antônio Nobre: "Faço discursos como o violeiro toca e o cantador canta. Sem gosto e sem estilo, só para sobreviver intelectualmente". Um boêmio sensual, triste e romântico, mais aproximado de Antero de Quental.

Do singular poeta da vossa terra paraibana, Augusto dos Anjos, retratais angústias e descrenças, desesperos, contradições, clamores, rebeldias. Todos os paraibanos, e das outras adjacências nordestinas, admiram o poeta, mesmo aqueles que não o compreendem, ou o compreendem por instintiva adivinhação. Ninguém até hoje buscou imitá-lo, porque se lançaria ao ridículo. Está nesta inimitabilidade a grandeza poética do **Eu**. Poucos livros poderiam atrair a mocidade do poeta do nosso tempo, do tempo eterno, ora a refletir o fascínio de algumas paisagens do Nordeste, do **Pau d'Arco** e do **Tamarindo**, ora a traduzir o desassossego filosófico difuso. As oposições entre a tragédia e a ternura, tão bem observadas por vosso conterrâneo e nosso confrade João Lyra Filho, acrescentaram muito e muito aos estudos sobre Augusto dos Anjos em notas originais e argutas.

A vossa geração, a do Recife, onde, no vosso dizer, o moço saía (e ainda hoje sai) tendo aprendido de tudo, inclusive o mais difícil de se aprender na vida: o ser homem, quase sempre a carregar um ateísmo supersticioso, temente às almas do outro mundo que amedrontam, levando o descrente a cobrir a cabeça na meia noite de sua aparição voadora, ou uma lubricidade carnal e ideológica. Lfeis, líamos, pois somos da mesma geração, "A Carne" de Júlio Ribeiro, apesar da proibição dos padres, ou "As Palavras Cínicas" de Albino Forjas Sampaio, demolidores de todos os valores morais da civilização. Natural que lêssemos, avidamente, o "Eu" de Augusto dos Anjos. Fácil é acertar que, diante do Capiberibe, ao olhades a ponte Buarque de Macedo, encheistes os pulmões e recitastes, como um ritual de afrontas que se repetia no meio boêmio:

"Escarrar de um abismo noutro abismo,
Mandando ao céu o fumo de um cigarro,
Há mais filosofia neste escarro
Do que em toda a moral do cristianismo!"

Duas outras influências literárias na vossa vida: Balzac e Gilberto Amado. Quantas vezes o nome do romancista, do gigante imortal, aparece nas citações da vossa eloquência! Quisestes ser médico, do tipo do dr. Benassis, de "O médico rural". Supristes a frustração com vosso desvelo por hospitais e sanatórios, quando presidente do IPASE, no Governo do General Eurico Dutra. Fostes bacharel em Direito, porque vosso pai achava a carreira boa para "fazer figura". Outra influência foi a do pensador de **A Chave de Salomão**, Gilberto Amado, o homem de Itaporanga, do Recife e das Europas, filho de dona Sinhá. Devestes a ele, como a tantos outros xingadores sentimentais da Pátria, o amor ao Brasil. Participante de conferências internacionais, vivendo longos anos no exílio funcional, ao regressar à Pátria, carregado de glória na sua velhice iluminada, grita, no pitoresco da meia gagueira nervosa: "Quem não ama o Brasil é burro". E vós, de esquelhada, a murmurardes: "Mais burro é quem não ama a Paraíba". É esse traço de fidelidade à terra natal, que mais se fortalece quanto mais se viaja pelo exterior, que vos uniu na amizade perfeita.

Os homens representativos da Paraíba são tempestuosos e amedrontadores e inteligentes. Que maior cangaceiro encontramos na história terrível do cangaço do que Assis Chateaubriand? Fugiu de uma caatinga de Umbuzeiro, armado de trabuco, chapéu de couro, sandálias abertas, e fundou a Ordem do Cangaço, réplica às nobiliarquias enfatuadas de dinastias milenárias, e desembarcou como um normando do século IX, guerreiro do mar, embaixador do Brasil, com a ambição de chegar à Corte de Saint-James e de instalar uma filial de sua taba morena. Presenteou a Rainha, caso inédito na história do sagrado protocolo da Corte, como dom pessoal, com um rico colar. Se não fosse a resistência do Embaixador Clark (testemunho de Austregésilo de Athayde), na Itália, teria levado ao Papa Pio XII, da família dos Pacelli, a medalha cangaceira.

Paraíba pequenina, que, na visão de vossos filhos, tens a grandeza do Cosmos! É na eloquência de teus tribunos que se retrata a tua imagem num espelho cristalino: Castro Pinto, Coelho Lisboa e Eptácio Pessoa, para falarmos apenas dos mortos. Sacudiram, cada um com suas peculiaridades, o trovão ameaçador e o raio mortal, com a vontade corajosa de fazer desabar o primeiro sobre serras e várzeas e de pegar pela mão, para detê-lo, o segundo. Castro Pinto, governador em 1915, apresentou-se no Senado e fora dele como um orador escachoante, imaginoso e dotado de vasta cultura. Coube a Coelho Lisboa os louros da propaganda republicana. Quem ouviu, uma vez apenas, Eptácio Pessoa, não esqueceu o metálico de sua voz (patativa do Norte, dizia-se dele), a estuar de energia, quase a espumar de indignação quando necessário. Sua eloquência era de coragem sem-limites, quer na oposição a Floriano quer na defesa de sua probidade administrativa.

Grandes ou pequenos motivos tornaram gigante o verbo no Império. O que surpreende, aos leitores dos anais do período áureo do nosso parlamentarismo, é o cuidado com que os representantes do povo tratavam, altaneiros e elegantes, das nonadas políticas, das questões miúdas, como se fossem questões salvadoras de uma Nação afogada no trabalho escravo, onde os açoites eram cenas públicas e a politicagem campanária a norma de alcançar-se a representação popular. Sob a inspiração de um liberalismo realista, a República, nos domínios da oratória, teve grandeza maior. Os coronéis autoritários e de poucas letras fabricavam as atas eleitorais em prol das mais claras e cultas inteligências que os Estados possuíam. Nas lides parlamentares, para os combates nas grandes e atormentadas horas do regime, era preciso socar o demônio enfurecido dentro do corpo humano, em Barbosa Lima, em Irineu Machado, em Maurício de Lacerda e em Nicanor do Nascimento, na primeira República, ou então em Aliomar Baleeiro, em Adauto Lúcio Cardoso, em Afonso Arinos e em José Bonifácio às vésperas da tragédia da auto-imolação.

Vós não nascesteis para o caldeirão político. Em subsídio autobiográfico, líder da bancada do PSD, escrevestes: "Incursionei na política, onde os homens me ensinaram os caminhos do inferno e o estilo do diabo. Aprendi depressa, mas depressa enjoei. Ela não é, senão para poucos, a arte humana de trabalhar pelos outros. De qualquer forma, para se vencer politicamente é preciso enganar muito e mentir outro tanto. No começo, há engulhos. Depois o estômago aceita. A natureza é sábia e os homens, sabidos. Fui parlamentar, deputado federal, numa legislatura. Quatro anos, no mesmo navio, com a mesma tripulação e as mesmas passagens. A rigor, um confinamento".

Se lermos os vossos discursos parlamentares, entre 1951 e 1954, apuraremos neles o requinte da eloquência de José Bonifácio, o Moço, dando como exemplo a saudação comemorativa do 5 de julho revolucionário, a da destacada figura romântica e generosa de Siqueira Campos, ou na do comovedor apelo em favor dos flagelados das secas, pondo na palavra de líder governamental acentos de oposição, ou ao rememorar, em sessão especial, a morte de Agamenon Magalhães, o bravo homem de Vila Bela, no apelo de sua vida às futuras gerações de políticos e administradores. Em nenhum, a agressão característica dos grandes discursos parlamentares, onde os apartes são fuzilarias cortantes. Vossa grande oração é da praça pública, como ao receberdes na Paraíba os restos mortais de Epitácio Pessoa, ou do recinto fechado, dos cenáculos literários, como na "Casa da Paraíba", na homenagem prestada à memória do escritor José Lins do Rego.

Apresenta-se a oratória sob dois aspectos: o da eloquência, onde os dons pessoais dominam, e o da literatura propriamente dita. Rui Barboza e Joaquim Nabuco reuniram magistralmente os dois aspectos. Mas, mesmo assim, a leitura de seus discursos tira-lhes, por vezes, a emoção histórica do momento: o da campanha civilista, num, com o frenético delírio das multidões, e o da campanha abolicionista, noutro, onde a fascinadora figura punha um aristocrata a serviço da questão social mais importante de sua época.

A vossa oratória distancia-se dos modelos clássicos, porque é, principalmente, literatura. Sucedem-se em vossos discursos trechos magistrais, que, reunidos, poderiam formar uma seleta, com o motivo: a corografia física e moral da Paraíba. O estouro da boiada de Euclides da Cunha, as **andorinhas de Campinas** de Rui Barbosa, o **Ataque ao Cortiço** de Aluísio Azevedo e o **Carnaval Carioca** de Graça Aranha são páginas inesquecíveis, de trechos da nossa vida social e física, da beleza da paisagem e do fervor popular. Episódios. Em vós, há uma concatenação de beleza, a ponto de conceder-vos à oratória uma posição incontrovertível de puro gênero literário.

Mas o parlamentar que fostes subsiste no caminho de uma leal convivência, uma convivência pessedista, tendo como companheiros de partido Samuel Duarte, grande escritor encoberto pela modéstia, Janduhi Carneiro, há pouco desaparecido, e o barbudo petulante, na sua austeridade, José Joffily. Conta-se que o comandante do batalhão federal do Rio Grande do Norte, fora a ele, então interventor, reclamar contra um ofício cujos termos não lhe agradaram, e pediu retificação. Pois, não, comandante, farei a sua vontade. Pegou, de pronto, a caneta e riscou as palavras — **respeitosas saudações**. Todo paraibano se diverte com atos de valentia ou de bravura. Sua história é escrita com essas arrogâncias repetidas. Que misérias fez Pirajibe, cognominado o Braço de Peixe ou Espinha de Peixe, chefe dos Tabajaras, personagem nas guerras da Paraíba. Brigou com os índios petiguares, ele um tupiniquim, pela derrota do passo do Tiberi. Coisas do século XVI, o da fundação de Nossa Senhora das Neves. Na Revolta do quebra-quilos quebrou-se mais quilos, na Paraíba, do que panela de barro nas extensões de Sergipe, Alagoas, parte de Pernambuco. E Jesuino Brilhante à frente para acabar com a novidade da França metendo o bedelho nas feiras e nas bodegas nordestinas.

Nesse tumulto coletivo, que os séculos não amainaram, nascestes, acadêmico Alcides Carneiro, para a função pública de fiscalizar a aplicação da lei, no Ministério Público do antigo Distrito Federal, e, depois, para aplicá-la como Ministro do Superior Tribunal Militar, numas horas de apreensões que sempre marcam o começo da evolução revolucionária. Tornou-se a nossa Corte o mais antigo tribunal do País, vindo do Conselho Supremo Militar, criado pelo Alvará de 1.º de abril de 1808, centro de equilíbrio da justiça nas crises estruturais, conquistando a confiança dos jurisdicionados, na tradição de um dos seus maiores juízes, do pacificador nas guerras civis e de moderador na guerra externa, que, no exemplo histórico repetido, deixou na ante-sala a espada gloriosa que empunhara.

Vossa experiência permitiu dar conselhos na saudação de posse do Ministro Ernâni Sátiro. "Não se preocupe — aconselhastes — com os que se aborrecem com os seus votos. Quando mudarem as conveniências, quando se deslocarem os interesses desses censores, eles também mudarão, como tudo muda". Outro conselho ao novel Ministro paraibano: "Não enrubesça nem se irrite quando levar um quinau. Receba-o com humildade, como diariamente fazemos. Ninguém é obrigado a conhecer todas as

leis. A velha sentença latina de que a ninguém é permitido ignorar a lei é hoje em dia uma norma vã, já utópica. . ." Missão de cordialidade e humildade.

Escrevestes numa nota de confiança amiga: "Agora, sou juiz. O conceito que faço de mim mesmo, como julgador, está neste epitáfio que imaginei: Foi juiz. Se absolveu por compaixão, não condenou por fraqueza".

Se fôssemos adotar os critérios da teoria do determinismo geográfico e social, teríeis o espírito esquentado e a bravura dos habitantes de Princesa, que, ante a ameaça de Antonio Silvino de saquear a cidade (Qualquer dia ou vou lá, fazer uma visita. Quero ver se lá tem homem), mandou-lhe pelo chefe político José Pereira Lima a resposta: "Pode vir quando quiser, que nenhum homem lhe dará um tiro. Vai apanhar de chinelo, no meio da rua, das mulheres de Princesa". Episódio que relatastes no discurso sobre a bravura pessoal de Epitácio Pessoa. Da Paraíba briguenta, generosa e altiva, o denominador comum é, absurdamente, a conciliação. A bravura tem mil aspectos. A vossa é a bravura moral, a bravura dos bons, a heróica bravura de fazer o bem, a maior das bravuras. Não possuís a tolerância dos conformados e acomodados, do amém, do assim seja do bom moço; porque sois um resistente ao mal, da resistência cotidiana, da intransigência. Fibra da mais rija árvore solitária perdida na desolação.

Paraíba, a dos contrastes ecológicos. Terra calcinada pelo calor infernal das secas. Árvores e animais na pastagem, e o próprio bravo sertanejo a se estiolar. Terra das ressurreições periódicas. E chuvas a alagarem os pastos secos e a afogarem os animais esqueléticos. Verão das secas e inverno da devastação. E os bandoleiros na pilhagem do saldo da tragédia. Açudes a rebentarem. Cantadores melodiando a tristeza dos roedores da família macambira. A trovoadaseca que não mais ilude o sertanejo já desesperançado. E os famintos retirantes, maltrapilhos, esqueléticos, com a brava resistência de um deus mitológico, partindo na mais lúgubre das procissões. Os flagelados que voltam aos primeiros pingos de água derramados dos céus, das torneiras enferrujadas de Deus. E os clamores dos aflitos, dos velhos, e os gritos da agonia das crianças, a se misturarem com o verbo orquestral de seus grandes oradores. Ó fonte poderosa da eloquência, como a tempestade solta às portas oceânicas de Tambaú ou como a graça infinita transformada em luz piedosa!

Destaca-se a vossa palavra, acadêmico Alcides Carneiro, como a dos apóstolos reivindicadores e dos taumaturgos pregadores. Em nenhuma de vossas exclamações, de vossos introitos, de vossas perorações, se encontra o ódio. A luz que resplandece nas vossas orações é suave como a grandeza dos bons. Vossa eloquência não tem o rebolo, a zoadas, o berreiro, o vozeirão dos demagogos. Com as marcas e os estigmas de vossa adorada terra, sois um universal. Não tendes o verbo corrompido dos ditadores de décadas sombrias, que envenenaram povos e degradaram a espécie humana racional, como o presunçoso artista que encenava no balcão do Palácio Veneza, de Roma,

ou, o apoplético austríaco, que berrava seus ódios nas cervejarias de Munique. Salvemos o verbo dessa insânia. E cumpristes a missão do verbo redentor, a serviço do homem livre. E trouxestes das várzeas, dos brejos, dos cariris, das caatingas, do sertão do Nordeste, os cânticos da liberdade, da beleza e do amor. A coragem de ser livre, despertada pela gente nas lutas de heróis, no melhor cerne da nacionalidade, que é o Nordeste, confunde, nos mesmos sofrimentos, a coragem de ser bom. E mereceis por vossa missão a imortalidade".



